

DESAFIOS PARA O CULTIVO DE MANDIOCA EM LARGA ESCALA

José Osmar Lorenzi, Pesquisador Científico do Instituto Agronômico de Campinas (Aposentado) e consultor do Projeto Mandioca da COAGRO – Comércio de Produtos Agroindustriais e Florestais Ltda. Email: osmarlorenzi@terra.com.br

A área cultivada com mandioca no mundo é da ordem de dezessete milhões de hectares distribuídos na faixa tropical do globo terrestre. Em quase todos os países ela se caracteriza, em maior ou menor escala, como cultura típica de subsistência, cultivada em pequenas áreas, dispersas, em aparente harmonia e equilíbrio biológico com a natureza. Raras são as regiões de extensas áreas cultivadas contiguamente, sugerindo que a mandioca, não foi ainda, submetida suficientemente à pressão de seleção que permita ser cultivada em larga escala com segurança de produtividade e estabilidade de produção.

No Brasil, a principal tentativa conhecida de plantios de mandioca, em larga escala, ocorreu na década de 70, na época da implantação do Programa Nacional do Alcool. A bem da verdade, o decreto presidencial, privilegiava a mandioca como fonte de matéria-prima, pela abrangência de seu cultivo no território nacional e pela possibilidade que esta cultura teria de gerar maiores benefícios sociais. Assim, na concepção inicial do programa, a mandioca deveria ser a principal matéria-prima para atender a demanda das destilarias e a Petrobrás foi encarregada de iniciar um programa ambicioso para construir 20 destilarias de 60 mil litros cada uma. A primeira e, que serviria de modelo, foi construída no município de Curvelo, MG, região típica de solos de Cerrados. O Brasil vivia a euforia dos grandes projetos governamentais em estradas, pesquisa agrícola, energia, siderurgia, comunicações, etc. A Petrobrás participava dessa ideologia, do tudo grande e, logo com mandioca, uma atividade típica de pequenos produtores, avalizou um projeto que concedia somente a cinco ou seis empresas a responsabilidade de produção da matéria-prima. Dessas Empresas, justiça se faça, a Plantar e a Veragro foram às únicas que se esforçaram e se destacaram na tentativa de solucionar os principais entraves tecnológicos que logo surgiram. A Usina de Curvelo e outras oito, também de mandioca, aprovadas, mas nem todas instaladas, fracassaram de maneira espetacular enquanto as baseadas na cana-de-açúcar apresentaram resultados positivos. Sem dúvida, o insucesso deveu-se primordialmente à produção de matéria-prima, evidenciando o **baixo nível tecnológico** do sistema produtivo agrícola e a **superestimação** da resistência da mandioca às pragas e doenças e tolerância às condições edafoclimáticas marginais.

A exploração secular da mandioca, preponderantemente em pequenas áreas, condicionou seu desenvolvimento tecnológico tal qual como se encontra atualmente. As principais Instituições de Pesquisa que se propuseram a trabalhar com mandioca viram-se presas a financiamentos de organismos internacionais que priorizaram, por longos anos, melhorias do sistema produtivo tradicional sem, no entanto, investir em tecnologias que viabilizassem o cultivo de grandes áreas.

Assim, é nossa intenção apresentar e discutir, nesta oportunidade, os principais obstáculos agrícolas que dificultam e até restringem cultivos de mandioca em larga escala. Dentro dessa linha abordaremos os seguintes pontos:

Material de plantio – qualidade, disponibilidade e manejo.

Variedades – produtividade, arquitetura da parte aérea e resistência.

Tratamento de manivas – necessidade, produtos, aplicação e eficiência.

Plantio – máquinas, qualidade e rendimentos.

Adubação – de plantio e cobertura.

Pragas – mandarová e outras pragas.

Colheita – máquinas e rendimentos.

Mão-de-obra – quantidade, disponibilidade e qualidade.